

Cinema de terror brasileiro nos festivais: O caso da dupla de cineastas Juliana Rojas e Marco Dutra

Autores: Gabriel André Crivelaro Zanon¹, Belisa Figueiró²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹gabrielandrezanon2103@gmail.com – Produção Audiovisual, ²belisa.figueiro@baraodemaua.br

Resumo

Este artigo examina o cinema de terror brasileiro, com foco no estudo de caso da dupla de diretores Juliana Rojas e Marco Dutra, que entre vários projetos realizaram o longa-metragem *As boas maneiras*. O filme é uma coprodução entre o Brasil e a França, e é fruto da aproximação dos cineastas com o Festival de Cannes. Nesse sentido, busca abordar o cinema de horror e suas especificidades, bem como o desempenho dos filmes nos festivais.

Introdução

O horror na arte sempre se fez presente em várias representações desde os primórdios da humanidade. Homero em a *Odisséia* (1760) já narra o encontro de Ulisses com Bruxas, havia contos gregos escritos no século II de vampiros e pessoas que retornavam dos mortos e até mesmo a própria Bíblia tem histórias assombrosas ou sobrenaturais malignas ou inumanas. E, desde então, a sociedade vem criando e adaptando contos e histórias que rodeiam a humanidade há séculos, com inúmeros objetivos. No entanto, nenhuma dessas histórias são de terror, embora sejam inegáveis as inspirações em várias artes, inclusive as visuais.

Sabendo que o horror é uma categoria muito antiga e intrigante por suas várias faces do desconhecido, o gênero cinematográfico do terror é um dos mais conhecidos e antigos da história da sétima arte, mesmo com uma abordagem tardia em relação às outras áreas da arte.

“O expressionismo chegou ao cinema em 1919, ou seja, de forma tardia se comparada às demais artes. Praticamente surgido na República de Weimar (1919-33), quando a literatura expressionista estava em declínio, o cinema acabaria falando de temas comuns aos seus antecessores, como a morte, a angústia da grande cidade e o conflito de gerações. O aspecto mais importante a se destacar, no entanto, se refere à inovação estética. Seus atores e diretores, a maioria oriundos do teatro, passaram a utilizar técnicas já desenvolvidas no palco, como o jogo de luzes e holofotes,

presentes na maioria dos filmes. Em vez de movimentos de câmera, a iluminação de um detalhe, a aparência fantástica das sombras ou a máscara nas lentes da câmera compunham os efeitos mais frequentes. Os espelhos foram outro recurso importante” (SILVA, 2006, p. 02).

Desde o Expressionismo Alemão, um dos primeiros movimentos cinematográficos que teve sua origem nos anos 1920, esse gênero só foi evoluindo com o tempo e ganhando inúmeros personagens marcantes que sempre estarão presentes na história do cinema. Personagens como o *Frankenstein*, que surgiu no cinema em uma curta-metragem produzido em 1921 com o filme *The monster of Frankenstein* (Eugenio Testa, 1921), *Nosferatu* (F. W. Murnau, 1922), e muitos outros que surgiram nessa época, ainda são marcados por suas características aterrorizantes e assustadoras e são sempre referenciados em diversas produções.

No Brasil, mesmo com baixos índices de produções registradas com o Certificado de Produto Brasileiro (CPB), principalmente do gênero, o terror se faz presente nas obras nacionais e nos cinemas brasileiros. Segundo a Agência Nacional do Cinema (Ancine), o terror está entre os cinco principais gêneros mais assistidos nas salas de cinema brasileiras entre 2013 e 2017. Esse levantamento foi feito pelo Observatório Brasileiro do Cinema e Audiovisual (OCA) e aponta que os gêneros que mais levaram espectadores brasileiros aos cinemas foram aventura e animação, seguido de comédia, drama, documentário, ação e o próprio terror (ANCINE, 2017).

Mesmo sem lançamentos nacionais de muita relevância global dentro do gênero, há algumas exceções que se destacaram, como por exemplo várias obras do cineasta ícone nacional: José Mojica Marins, conhecido no meio cinematográfico como Zé do Caixão.

“Mojica, nos primeiros instantes do seu primeiro filme sobre Zé do Caixão, personagem que viria a definir toda a sua carreira, deixa bem claras as premissas que nortearão diversas de suas obras posteriores. A vida, ele afirma, não é nada mais do que a continuidade do sangue, além de ser um inexorável caminhar para a morte. O sangue é,

assim, a ‘razão da existência’, sendo a justificativa maior para a ação. Zé do Caixão, personagem místico, assombroso, amoral, seria, segundo essa filosofia, alguém que busca apenas a continuidade do seu sangue, custe o que custar” (MONTEIRO, 2009, p. 88).

O cineasta atuou em mais de 90 filmes e, dentro dessas obras, dirigiu 38 e escreveu 19, produzindo a maioria delas. Um dos maiores feitos do cineasta é o clássico da década de 1960: *À meia-noite levarei sua alma* (1964). São inúmeros filmes que tiveram êxito e tornaram Mojica um ícone não só do cinema brasileiro, mas também da arte brasileira.

Com suas unhas enormes e sua voz arrastada e pesada, Mojica fez parte do repertório do cinema brasileiro, principalmente dentro do horror. Produziu inúmeras obras declamando contos de terror e espalhando o medo durante vários anos. Em contrapartida de seu terror poético e trovadoresco, há outras produções nacionais mais recentes que ganharam repercussão mundial com a sutileza na história, trazendo um ar fantástico sem perder a estética do horror. Essas características citadas acima estão relacionadas ao filme *As boas maneiras* (2017), da dupla de diretores Juliana Rojas e Marco Dutra.

A metodologia deste trabalho está fundamentada no estudo de caso, com foco na carreira dos cineastas Juliana Rojas e Marco Dutra em festivais internacionais, e como os filmes deles chegaram a esse patamar. Por meio de artigos e livros, analisa de forma qualitativa a trajetória dos diretores e de suas obras.

A parceria formada por Rojas e Dutra segue desde a faculdade. Ambos são graduados em Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e se formaram em 2005, produzindo alguns produtos durante esse período acadêmico.

Analisando a filmografia da dupla, é possível verificar a presença de vários gêneros entrelaçados dentro de uma única obra, porém, o que mais se destaca é o terror, que segue como principal estilo fílmico, e o musical em alguns filmes. Esse fato se esclarece quando analisamos filmes dirigidos por eles, como os curtas-metragens *Dancing queen* (1999) e *Um ramo* (2008), bem como os longas-metragens *Sinfonia da necrópole* (2015) e *As boas maneiras* (2015). Em função disso, este estudo se baseia nas obras deles, visto que apresentam características marcantes do horror fantástico, e do terror contemporâneo, e por serem os brasileiros com maior destaque no gênero em festivais internacionais, como por exemplo, em Cannes (França) e Sitges (Espanha).

Breve origem do gênero cinematográfico do horror

Como todos os movimentos/gêneros artísticos, o horror também se apropria do contexto histórico de sua época para evoluir e representar a realidade através do irreal. As civilizações já passaram por diversos momentos de crise e de extremo terror. Guerras, pandemias, desastres naturais e muitos outros aspectos que fazem com que os movimentos absorvam essas temáticas.

“O cinema foi, possivelmente, o principal veículo para a ficção de horror no século XX, absorvendo influências da literatura, do teatro, dos espetáculos urbanos, das histórias em quadrinhos, do jornalismo etc. Sua natureza híbrida e mutável ao longo de quase 120 anos exige que, para defini-lo, sejam discutidas questões teóricas e históricas que levem em conta seu desenvolvimento ao lado das mudanças sociais e artísticas que atravessaram o século, assim como o grande preconceito relativo ao gênero, que só começou a se dissipar nos últimos 30 anos” (CÂNEPA, 2008, p. 46).

E por se tratar de um período um tanto quanto conturbado, as artes representavam essa nova realidade da época. De acordo com Jean Delumeau (2001, p. 29), os tempos de transição do feudalismo para o capitalismo na Europa a partir do século XII viram a urbanização, a peste negra e as guerras religiosas explodirem em todo o continente. E esse contexto gerou muita ansiedade e mal-estar por parte de toda a população.

Nas artes plásticas, o horror foi muito representado com formas grotescas por vários movimentos artísticos, como um subgênero do Barroco e até mesmo o próprio expressionismo.

O gênero expressionista traz traços do teatro barroco e da arte gótica, compostas por sombras, contraluz, formas humanóides informais e cenários tortos, e histórias fantasiosas amedrontadoras. Alguns dos títulos mais marcantes deste período foram *O gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920) e *Frankenstein* (James Whale, 1931). Esses filmes fizeram muito sucesso na época e hoje são sempre usados como referência em diversas obras.

“Também entre os artistas barrocos, um ‘subgênero’ de pinturas muito popular foi o das Vanitas, Vanidades ou Vaidades [...] As vanitas (também conhecidas como ‘naturezas mortas com caveiras’ ou memento mori) faziam referência ao mesmo tema dos gêneros macabros do final da Idade Média: lembrar que tudo é passageiro, e que a morte está sempre à espreita, com suas ameaças e promessas” (CÂNEPA, 2008, p. 24).

Figura 01 – Pinturas consagradas



Fonte: <https://www.todamateria.com.br>

**Figura 02 – Cena do filme
*O gabinete do Dr. Caligari***



Fonte: <https://www.todamateria.com.br>

Após o surgimento do gênero, algumas subcategorias começaram a existir. Dentro do horror, o fantástico, o fantasioso é um dos que mais chama a atenção pelas representações bizarras e que escapam, por completo ou não, da realidade.

É evidente que o horror não começou no cinema, já que é um dos movimentos artísticos mais antigos das artes como um todo.

“O processo começou lentamente, e foi incorporando, aos cenários decadentes, à natureza ameaçadora, aos vilões psicóticos e aos fantasmas, alguns monstros derivados do folclore e dos relatos orais europeus, sobretudo os vampiros do leste, os lobisomens e as bruxas, além de outras figuras advindas dos contos populares – que, então, também passavam por uma revisão pelas mãos de autores como o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) e dos diversos compositores de baladas macabras, muito recorrentes no período” (CÂNEPA, 2008, p. 31).

Já no começo do século XX, o Expressionismo Alemão trouxe essa estética narrativa para dentro dos filmes com monstros, figuras deformadas, traços tortos e amedrontadores, figuras religiosas e muitos outros elementos. Um dos primeiros sucessos mundiais no cinema de horror é o ícone *Frankenstein*.

“Frankenstein marcaria o início da ficção-científica literária, ligando-a indelevelmente ao horror. A história do cientista que resolve criar um ser humano perfeito usando restos de cadáveres, mas acaba criando um monstro, trazia desde elementos folclóricos dos golems judaicos até as descobertas então mais recentes das ciências,

colocando em pauta as questões da criação, da socialização, da inadequação e da monstruosidade” (CÂNEPA, 2008, p. 32).

A dupla de cineastas: Marco Dutra e Juliana Rojas (início da parceria/outros filmes)

A parceria de Juliana Rojas e Marco Dutra se dá na Universidade de São Paulo, no curso de Cinema. Ambos se formaram em 2005 e durante o período da graduação fizeram diversos trabalhos juntos. A dupla começou realizando um curta experimental chamado *Dancing Queen*, que mistura o gênero musical e terror.

O primeiro destaque deles é um curta-metragem chamado *O lençol branco*, exibido no Festival de Cannes. De acordo com Hadija Chalupe (2014, p. 346), “os cineastas iniciaram sua carreira no exterior tão logo concluíram seus estudos. Submeteram (no ano de 2005) o curta-metragem *O lençol branco*, realizado na Escola de Cinema e Audiovisual (USP/SP), ao 58º Festival de Cannes, na sessão dedicada a filmes realizados em escolas de cinema, o Cinéfondation – La Sélection”.

Depois disso, o curta seguinte, chamado *Um ramo* também foi selecionado pelo festival francês, mas agora em uma das mostras paralelas mais importantes do evento: a Semana da Crítica, em 2007.

Em seguida, foi iniciada a produção do primeiro longa-metragem dirigido por ambos, *Trabalhar cansa* (2011), que foi selecionado para outra mostra paralela do Festival de Cannes, a Um Certo Olhar, em 2011, demonstrando que Rojas e Dutra já tinham um bom trânsito no maior festival de cinema do mundo, tanto que *As boas maneiras*, o segundo longa-metragem deles, participou do processo de residência do *Cinéfondation* e foi realizado em coprodução com a França, poucos anos depois.

As boas maneiras: história do filme, análise fílmica e produção

A narrativa do filme *As boas maneiras* gira em torno de Clara, uma solitária enfermeira que é contratada pela misteriosa Ana como babá de sua criança. Durante o trabalho, as duas mulheres estabelecem um forte vínculo, criando assim uma paixão entre elas. Porém, tudo isso muda após uma noite muito estranha.

Embora seja um filme fantástico que reverencia muito o subgênero na sua origem, *As boas maneiras* inova na trama ao modernizá-la para a contemporaneidade, trazendo como segundo plano uma representatividade importante para as duas atrizes mais relevantes. A história é contada

de forma linear e subjetiva, sempre deixando um ar de mistério.

Analisando mais a fundo o longa-metragem, há nítidas críticas sociais sobre os padrões da sociedade e da diferença de classes entre as personagens. Também é evidente a analogia feita para comparar o monstro mitológico com pessoas LGBTQIA+, mostrando como uma sociedade preconceituosa reage e enxerga pessoas que são diferentes aos padrões impostos.

O crítico Jay Weissberg, da revista norte-americana *Variety*, uma das mais prestigiadas do meio cinematográfico, escreveu que *As boas maneiras* “se enquadra nessa última categoria, graças ao esmero dos diretores e roteiristas Juliana Rojas e Marco Dutra, que usam a mitologia do lobisomem para comentar sobre classe, diferença e desejo” (WEISSBERG, 2017).

Em uma entrevista para a mesma revista, um ano depois, a dupla de diretores disse que uma das inspirações para a fotografia e as cores foram os contos de fadas da Disney, e a ideia principal era mostrar a cidade de São Paulo completamente fantástica (HOPEWELL, 2018).

Figura 03 - Referências de cor para o filme *As boas maneiras* (2017)



Fonte: HOPEWELL, 2018.

Junto com a narrativa, outro ponto chamativo do filme é a fotografia. É utilizada uma unidade estilística gótica, apresentando muita sombra e pouca luz. As paisagens urbanas também impressionam por sua qualidade e fidelidade aos tempos de um cinema mais rústico. Apesar dessas qualidades, um defeito que não passa despercebido é a qualidade dos efeitos visuais. Por se tratar de um filme de baixo orçamento, é compreensível esse desfalque em um ponto de sua importância.

No que se refere à distribuição, de acordo com os dados oficiais da Ancine, *As boas maneiras* arrecadou R\$ 172.734,00 em bilheteria no Brasil, obtendo 11.420 espectadores nas 28 salas no circuito de lançamento do filme.

A obra foi financiada pelo Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e por meio das leis de incentivo de fomento indireto. Durante a fase de captação, a equipe de produção reuniu recursos via Lei do Audiovisual (R\$ 1,2 milhão por meio do Art. 1ºA e R\$ 1 milhão pelo Art. 3ºA), além de R\$ 2,2 milhões

do FSA. Ao todo, no Brasil, o orçamento foi de R\$ 4.401.589,99.

Conclusão

Em última análise, verifica-se que *As boas maneiras* é um filme único por suas conquistas e méritos inéditos para o cinema de horror brasileiro que vieram de uma árdua jornada e de uma longa preparação por parte da produção, sem contar também a sintonia de Juliana Rojas e Marco Dutra ao dirigirem e escreverem esse filme com maestria, após trabalharem juntos inúmeras vezes.

Dessa forma, se torna evidente a importância de realizar uma coprodução internacional para alavancar o filme não só no território de produção majoritária, mas também no país onde houve a parte minoritária, como é o caso da França.

Com isso, conclui-se que *As boas maneiras* se mostra ainda mais importante por ser o único filme de terror brasileiro do projeto *Cinéfondation* de Cannes e ter um prestígio grande internacionalmente. Além dessas questões, o filme também é repleto de uma narrativa muito bem estabelecida e ambientada em uma São Paulo gótica e fantástica, que carrega uma temática muito bem usada do horror fantástico.

Referências

CÂNEPA, Laura Loguercio. **Medo de que?: Uma história do horror nos filmes brasileiros**. 2008. 498p. Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

CHALUPE, Hadija. La gestión audiovisual sustentable: Los festivales internacionales y la realización de películas. **IV Congreso Asociación Argentina de Estudios sobre Cine y Audiovisual (ASAECA)**, Universidad Nacional de Rosario, mar. 2014. Disponível em: http://www.asaeca.org/aactas/chalupe_dasilva.pdf Acesso em: 13 mar. 2023.

FIGUEIRÓ, Belisa. **As dinâmicas do mercado das coproduções cinematográficas entre Brasil e França**. 2017. 280p. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

HOPEWELL, John. ‘Good Manners’ Creators on Latino Genre, Walt Disney, Fairy Tales. **Variety**, 6 maio 2018. Disponível em: <https://variety.com/2018/film/festivals/locarno->

good-manners-creators-latino-genre-walt-disney-1202517036. Acesso em: 12 maio 2023.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTEIRO, M. Zé do Caixão: Humano, demasiado humano. *In: Viso – Cadernos de estética aplicada*, v. III, n. 6, jan.-jun. 2009, p. 85-99.

OLIVEIRA-MONTE, Emanuelle K. F.. Queering Brazilian Horror: Race, Class, and Sexual Orientation in *As boas maneiras* (2017). **Journal Of Gender And Sexuality Studies / Revista de Estudios de Género y Sexualidades**, Vanderbilt, v. 1, n. 4, p. 1-20, 01 maio 2021. Disponível em: <https://scholarlypublishingcollective.org/msup/regs/article/47/1/31/286359/Queering-Brazilian-Horror-Race-Class-and-Sexual>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PEREIRA, Enzo de Sousa; ARAÚJO, Naiara Sales. **Revista Livre de Cinema**, Maranhão, v. 1, n. 3, p. 1-16, 10 ago. 2019. Disponível em: <http://www.relici.org.br/index.php/relici/article/view/240/289>. Acesso em: 23 mar. 2022.

RODRIGUES, Aline Silveira. **O fantástico, o estranho e o maravilhoso nos curtas-metragens de Juliana Rojas**. 2019. 94p. TCC (Graduação em Publicidade e Propaganda), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Michel. **O cinema expressionista alemão**. Urutáguia, Maringá, v. 1, n. 10, 2006.

WEISSBERG, Jay. Film Review: 'Good Manners'. **Variety**, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://variety.com/2017/film/reviews/good-manners-review-1202526631>. Acesso em: 23 mar. 2023.